

I

O sol de inverno era um brilho mortiço, leitoso e fosco, por detrás das camadas de nuvens que encobriam a pequena cidade. Nas vielas das casas de frontões, molhadas e assoladas pelas correntes de ar, caía de vez em quando uma espécie de granizo suave, nem gelo, nem neve.

Tinha acabado a escola. Pelo portão gradeado, passando pelo pavimento empedrado, saíam a correr os bandos de libertados, dividiam-se e precipitavam-se para a esquerda e para a direita. Os alunos mais velhos levavam, orgulhosamente, os maços de livros atados e pendurados ao ombro esquerdo, enquanto, com o braço direito, remavam contra o vento, a caminho do almoço; os mais pequenos saltitavam alegremente, espalhando a neve empapada, e levavam os instrumentos da ciência a chocalhar nas pastas de pele de foca. Mas, aqui e ali, todos tiravam o barrete, com olhar respeitoso, perante o chapéu à Odin, de abas largas, e a barba de Júpiter de um professor que caminhava num passo medido...

— Vens ou não, Hans? — disse Tonio Kröger, que há muito esperava na rua; sorrindo, foi ao encontro do amigo, que saía pelo portão, à conversa com outros colegas, e estava prestes a seguir caminho com eles...

— O que foi? — perguntou e ficou a olhar para Tonio...
— Ah, pois, é verdade! Vamos lá dar um passeio.

Tonio não disse nada e os seus olhos enevoaram-se. Hans tinha-se esquecido; será que só então se lembrava de que tinham combinado passear um bocadinho à hora do almoço? E Tonio que quase não cabia em si de contente desde que haviam combinado!

— Bem, *adieu!* — disse Hans Hansen aos colegas. — Vou passear um bocadinho com o Kröger.

E seguiram ambos para a esquerda, enquanto os outros viraram para a direita.

Hans e Tonio tinham tempo para dar um passeio depois da escola, pois ambos pertenciam a casas onde só se almoçava às quatro horas. Os pais eram grandes comerciantes, ocupavam cargos públicos e eram personalidades importantes na cidade. A família Hansen era há gerações proprietária dos grandes depósitos de madeira junto ao rio, onde serras poderosas cortavam os troncos, entre os silvos e os vapores cuspidos pelas máquinas. Tonio, porém, era filho do cônsul Kröger, cujas sacas de cereais se viam todos os dias pela cidade, com a marca da firma, preta e de grandes dimensões; e a casa antiga, grande, dos seus antepassados era a mais senhorial de toda a cidade... De tanto se cruzarem com as muitas pessoas conhecidas, os dois amigos tinham de tirar constantemente o barrete; e, nalguns casos, até eram as pessoas as primeiras a cumprimentar os adolescentes de catorze anos...

Ambos levavam as pastas da escola ao ombro e estavam bem vestidos e agasalhados; Hans tinha um casaco curto à marinheiro, com a gola azul do fato de marujo virada sobre os ombros e as costas, e Tonio vestia um sobretudo cinzento, com cinto. Hans tinha um boné à marinheiro, dinamarquês, com fitas curtas, sob o qual despontava uma madeixa do seu cabelo loiro, cor de palha. Era extraordinariamente

belo e bem constituído, de ombros largos e ancas estreitas, e com uns olhos afastados, de um azul de aço e olhar aguçado, ao passo que, sob o barrete de peles de Tonio, espreitavam, num rosto moreno, de traços completamente meridionais, uns olhos escuros, com sombras delicadas e pálpebras demasiado pesadas, de aspeto sonhador e um pouco tímidos... A boca e o queixo tinham um torneado excecionalmente suave. Tonio caminhava de forma descuidada, num passo irregular, enquanto as pernas elegantes de Hans, cobertas por meias pretas, avançavam, elásticas, numa cadência certa...

Tonio não falava. Ficava em sofrimento. Quando franzia as sobrancelhas um pouco inclinadas e arredondava os lábios para assobiar, olhava para longe, com a cabeça inclinada. Esta postura e expressão eram-lhe muito próprias.

De repente, Hans enfiou o braço no de Tonio e ficou a olhá-lo de través, porque sabia bem qual era o problema. E, embora Tonio continuasse em silêncio nos passos seguintes, sentia-se subitamente muito mais apaziguado.

— Não me tinha esquecido, sabes, Tonio — disse Hans, de olhos fixos no passeio —, só que achava que hoje não ia dar em nada por estar tudo molhado, com este vento e tudo. Mas a mim não me incomoda, acho incrível teres esperado por mim mesmo assim. Pensava que já tinhas ido para casa e estava chateado...

Tudo em Tonio era ebulição, e saltitava de júbilo ao ouvir aquelas palavras.

— Vamos então pelas muralhas! — disse com voz animada. — Vamos pela Muralha do Moinho e pela de Holsten, e assim vou contigo até tua casa, Hans... E não faz mal eu ir o resto do caminho sozinho, a sério; da próxima vez acompanhas-me tu a casa.

No fundo, não acreditava muito naquilo que Hans dissera e sentia nitidamente que ele não atribuía ao passeio a dois

nem metade da importância que Tonio lhe dava. Mas reconhecia que Hans se arrependera do esquecimento e que estava disposto a uma reconciliação. E longe dele a intenção de impedir uma reconciliação...

A verdade é que Tonio amava Hans Hansen e já sofrera muito por ele. Quem mais ama fica em situação de inferioridade e tem de sofrer — a sua alma de catorze anos já recebera esta lição, simples e dura, da vida; e a sua índole predispunha-o a prestar atenção a essas experiências, anotando-as interiormente, por assim dizer, e retirando delas um certo contentamento, sem, contudo, deixar que orientassem a sua conduta e sem retirar delas utilidade prática. Acontecia também, e isso estava na sua natureza, que estas lições eram de longe mais importantes e interessantes do que os conhecimentos que lhe impunham na escola; na realidade, dedicava-se, durante a maioria das aulas, nas salas de abóbadas góticas, a sentir profundamente a consciência destas intuições e a pensá-las até às últimas consequências. E esta ruminação proporcionava-lhe uma satisfação muito semelhante à que sentia quando andava pelo quarto com o violino (pois tocava violino) e conseguia produzir sons tão suaves como só ele era capaz de retirar do instrumento, misturando-os com o som borbulhante da água do chafariz, que subia, dançando, do jardim, lá em baixo, sob os ramos da velha nogueira...

O chafariz, a velha nogueira, o violino e, ao longe, o mar, o Báltico, cujos sonhos de verão podia escutar nas férias: eram estas as coisas que amava, as que, por assim dizer, envolviam o seu espírito e entre as quais decorria a sua vida, coisas com nomes que podia empregar com bom efeito em versos e que de facto ecoavam com frequência nos versos que Tonio Kröger escrevia por vezes.

O facto de ter um caderno com versos escritos por ele tornara-se conhecido por descuido seu e prejudicava-o, tanto

junto dos colegas como dos professores. O filho do cônsul Kröger achava, por um lado, aquela atitude de rejeição estúpida e indecente, pelo que desprezava os colegas e os professores; além disso, a falta de boas maneiras de uns e outros repugnava-lhe, e a sua percepção das suas fraquezas pessoais era invulgarmente aguda. Por outro lado, ele próprio sentia que escrever versos era algo de extravagante e, no fundo, impróprio, e tinha de dar razão, de certa forma, a todos os que a consideravam uma atividade insólita. Mas isso não era suficiente, por si só, para que a abandonasse...

Como em casa desperdiçava o tempo e, nas aulas, era lento e de espírito absorto, tinha má reputação junto dos professores, levando para casa as notas mais deploráveis, que deixavam o pai, um senhor alto, impecavelmente vestido, de olhos azuis pensativos, sempre com uma flor do campo na lapela, extremamente irritado e preocupado. Para a mãe de Tonio, porém, uma mãe bela, de cabelo muito escuro, Consuelo de seu nome e muito diferente das outras senhoras da cidade, porque o pai a fora buscar lá bem abaixo no mapa — para a mãe, as cadernetas de notas eram assunto que a deixava indiferente...

Tonio amava a sua mãe morena e ferosa, que tocava maravilhosamente piano e bandolim, e ficava feliz por ela não se afligir com o seu estatuto duvidoso entre os demais. Por outro lado, sentia que a ira do pai era muito mais digna e respeitável; apesar das reprimendas que recebia do pai, no fundo estava completamente de acordo com ele, ao passo que a indiferença da mãe lhe parecia um pouco negligente. Às vezes pensava mais ou menos nestes termos: «Já basta eu ser como sou e não querer nem poder mudar, ser desmazelado, rebelde e preocupado com coisas em que mais ninguém pensa. Por isso justifica-se que me censurem e castiguem e não ignorem tudo com beijos e música. Nós não somos como os ciganos que vivem numa carroça verde, somos pessoas res-

peitáveis, a família do cônsul Kröger...» Também acontecia amiúde pensar: «Porque é que eu sou assim tão diferente, em luta contra tudo, em conflito com os professores, e um estranho no meio dos outros rapazes? Olha para o exemplo deles, os bons alunos e os que se mantêm numa sólida mediania. Não acham os professores esquisitos, não compõem versos e só pensam em coisas que as pessoas pensam e de que se pode falar em voz alta. Como eles se devem sentir bem-comportados e de acordo com tudo e com todos! Deve ser uma coisa boa... Mas, e eu, como irá tudo isto acabar?»

Esta forma de se ver a si e à sua relação com a vida tinha um papel importante no amor que Tonio sentia por Hans Hansen. Amava-o, antes de mais, por ser belo; mas amava-o também por ser em tudo o seu contrário e oposto. Hans Hansen era um excelente aluno e, além disso, um companheiro vivaz, que montava a cavalo, fazia ginástica e nadava como um herói; enfim, gozava de grande popularidade. Os professores dedicavam-se a ele quase com carinho, tratavam-no pelo nome próprio e incentivavam-no em todos os sentidos; os camaradas esforçavam-se por lhe cair nas boas graças e, na rua, tanto damas como cavalheiros o cumprimentavam, tocavam-lhe na madeixa de cabelo loiro, cor de palha, que espreitava por debaixo do barrete dinamarquês de marinheiro, e diziam: «Boa tarde, Hans Hansen, mas que cabelo bonito tens! Continuas a ser o melhor da turma? Lembranças ao pai e à mãe, meu belo rapaz...»

Era assim Hans Hansen, e Tonio Kröger, desde que o conhecia, sentia desejo, assim que o via, um desejo com um quê de inveja instalava-se no seu peito e ardia. «Ah, ter uns olhos azuis assim», pensava, «e viver em acordo e harmonia com toda a gente, como tu! Tens sempre ocupações decentes e respeitadas por todos. Quando acabas os deveres, tens aulas de equitação ou trabalhas com o serrote e, mesmo nas férias, na praia, fazes remo, andas de barco à vela e nadas, enquan-